

II Simpósio de Pesquisa do Ecosistema Ânima:

Juntos pelo Conhecimento: um novo saber cria um novo amanhã

Título:

Ressignificação e ocultamento das memórias da população negra na atividade turística no bairro da Liberdade(São Paulo/SP)

Autores e Orientadores:

Nicole Wirz Coelho Sartorelli, Universidade Anhembi Morumbi, nicole.wirz@gmail.com ;

Sênia Regina Bastos, Dra., Universidade Anhembi Morumbi, senia.bastos@animaeducacao.com.br
(orientadora)

Resumo

A narrativa relacionada à memória pode ser manipulada visando a mobilização de um "discurso politicamente desejável". Tal premissa está associada ao programa de valorização da memória e da narrativa japonesa associados ao território turístico do bairro paulistano da Liberdade desde a década de 1970, e fundamenta o objetivo da pesquisa, que visa compreender como se processa a associação das memórias da população negra à atividade turística nessa localidade. Para tanto, os procedimentos metodológicos adotados são as pesquisas bibliográficas, visitação *in loco* e a realização de entrevista. Os resultados apontam que a criação do bairro turístico, desencadeou apagamentos dos locais relacionados à memória afropaulistana, mediante mudança de nomes de logradouros públicos, tentativas de controle de determinadas instituições, associações socioculturais e práticas culturais. Contudo, essa memória ganhou visibilidade em 2023, com a instalação da escultura de Madrinha Eunice, da Escola de Samba Lavapés, e a aprovação do projeto de criação do Memorial dos Aflitos.

Introdução:

O redimensionamento administrativo da Cidade implementado pela Câmara Municipal de São Paulo em 1833, situou o bairro da Liberdade no Distrito Sul da Sé. A sua extremidade inicial distava a poucos metros do Largo do Pelourinho (atual Largo Sete de Setembro), onde os escravos eram açoitados, bem como com equipamentos que depreciavam economicamente a região, como a Forca e o Cemitério Geral ou dos Aflitos e sua capela, onde africanos de origem bantu ou ioruba e jeje-nagô subsaariano eram sepultados ou enforcados. A perseverança popular da prática de acender velas e fincar cruzeiros em

homenagem aos enforcados nas proximidades da Forca, revestiu-se de caráter sagrado e tornou-se objeto de devoção religiosa (SEVCENKO, 2004), resultando na construção de uma capela em 1891, ampliada em 1917, denominada como Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados.

Obras viárias e intervenções urbanísticas implementadas na década de 1960, associadas à abertura da Avenida Radial Leste-Oeste e à construção da linha azul do metropolitano, foram seguidas por um programa de revitalização que o ressignificou como bairro oriental nos anos 1970, visando a sua conversão em um destino turístico.

O imaginário que fundamenta a oriental Liberdade tem na origem de sua representação a imigração japonesa, concentração étnica que influenciou sua paisagem cultural mediante o estabelecimento de traços e vestígios nipônicos nos estabelecimentos, ampliada com a instalação de chineses e coreanos. Essas características orientais se renovaram e se perpetuaram, em razão da continuidade do ingresso de imigrantes chineses e da grande incidência de consumidores descendentes de japoneses que o frequentam, atraídos por atividades culturais, comércio e serviços especializados ali reunidos e que proporcionam uma experiência de hospitalidade diferenciada, na medida em que é planejada para que eles se sintam em um ambiente oriental.

Essa adequação do bairro para o turismo, ao operar ajustes na representação das etnicidades e da paisagem cultural, desencadeia ocultamentos e apagamentos nesse processo, como o da população negra. Proposta que encontra justificativa tanto na reivindicação de narrativa do movimento negro, quanto na aprovação da lei de criação do Memorial dos Aflitos alusivo à memória da população negra escravizada e sepultada no Cemitério dos Aflitos, evidenciando a sucessão de etnias existente nesse território e a importância da ressignificação da memória coletiva do bairro.

O atual predomínio da memória e narrativa japonesa desperta o interesse em investigar a memória da população negra no território turístico da Liberdade, uma vez que há o protagonismo de outras etnias, além de uma história pregressa do bairro que situa outros atores sociais. Polifônica, a memória é crucial para a coesão social e cultural de uma sociedade (HUYSEN, 2004), apoia-se em lugares, personagens, eventos, celebrações, marcos desaparecidos e diferentes atores sociais.

O lugar de memória é um lugar vivo, presente no conjunto das práticas sociais dos sujeitos, requer suportes exteriores e referenciais tangíveis. Trata-se de uma “reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo” (CANDAU, 2011, p. 9). Afetivo e fundamentado na tradição, apresenta continuidade, mas o rompimento dessa continuidade ou sua desritualização resultam na perda do sentido de ancestralidade (NORA, 1993).

Palavras-chave: memória, afroturismo, Liberdade (São Paulo, SP).

Métodos:

A pesquisa é desenvolvida a partir de pesquisas bibliográficas e de campo e a realização de entrevista. A pesquisa bibliográfica centra-se nos estudos sobre memória, turismo em distritos étnicos, movimento negro, história e turismo no bairro da Liberdade.

A pesquisa de campo se dará a partir de duas estratégias de coleta de dados:

- A primeira se relaciona ao levantamento *in loco* de placas comemorativas, marcos e monumentos associados à memória da população negra. Acrescenta-se a pesquisa nos periódicos (jornais e revistas) para acompanhar a implementação e trajetória desses projetos, bem como eventuais pronunciamentos ou matérias associadas à divulgação, efetivação dos projetos ou ao andamento das obras.

- A segunda estratégia diz respeito aos projetos, programas e iniciativas de turismo que valorizam a memória negra do bairro da Liberdade, divulgadas nas plataformas digitais.

A realização de entrevistas visa o entendimento das iniciativas de ativistas do movimento negro destinadas a valorizar a memória negra desse território.

Resultados e discussões:

O primeiro ponto de discussão foi a relevância de que as pessoas negras compreendam seu pertencimento à Liberdade, enfatizando a importância dessa territorialidade. A pesquisa revelou que o contexto histórico-cultural da Liberdade é pouco conhecido, muitas vezes sendo reduzido à cultura asiática. Adicionalmente, constatou-se que o turismo afropaulistano é sub-representado e pouco divulgado. Essas conclusões ressaltam a necessidade de promover uma conscientização mais ampla sobre a história diversificada desse espaço, bem como incentivar o turismo afropaulistano para revelar a riqueza de suas narrativas históricas.

O segundo ponto de discussão foi a recente mudança do nome da praça para Liberdade-África-Japão em 2023, marcando a segunda alteração em apenas cinco anos, o que representa um passo significativo na busca pela ressignificação histórica e na valorização da presença negra na sociedade paulistana. Essa decisão reflete um movimento mais amplo para reconhecer e honrar as múltiplas camadas de história e identidade que moldaram o espaço público ao longo do tempo. A ressignificação histórica da presença negra ganha destaque nesse contexto. A referência à África não apenas reconhece o passado, mas também reafirma o valor da cultura afrodescendente na construção da sociedade atual. Essa mudança de nome pode desencadear um movimento mais amplo de conscientização e educação sobre a contribuição dos negros para a história local e nacional.

O terceiro ponto de discussão ressalta a importância de reconhecer o espaço e a memória do Bairro da Liberdade para evitar o apagamento histórico da presença negra. Embora o bairro seja conhecido principalmente por sua influência asiática no comércio, é essencial lembrar que ele também possui uma rica história negra. Para evitar esse apagamento, é crucial promover grupos e iniciativas que resistam, recontem e reivindiquem uma São Paulo Negra, destacando as narrativas muitas vezes esquecidas.

Além disso, constatou-se que apesar da existência de um roteiro de temática afro nos órgãos oficiais de turismo, o documento está desatualizado, incompleto e não abrange informações essenciais sobre a influência negra na formação da sociedade paulistana. Essa lacuna evidencia a necessidade urgente de revisar e aprimorar o conteúdo, assegurando que a história e as contribuições das comunidades negras sejam devidamente representadas e compartilhadas.

O quarto ponto de discussão foi a preservação da memória e da identidade cultural por meio da instalação de esculturas e de marcos referenciais. O primeiro se refere à estátua em homenagem à fundadora da Escola de Samba Lavapés, a Madrinha Eunice, instalada na Praça da Liberdade em 2022. O segundo recai na iniciativa de criação do Memorial dos Aflitos (2023), a se situar no terreno contíguo à Capela de Nossa Senhora dos Aflitos, pretende consolidar a história negra paulistana e do próprio bairro, relembrando e homenageando aqueles sepultados nesse local. O memorial atuará como um guardião das memórias negra e indígena, resgatando essas narrativas muitas vezes apagadas pela valorização da memória japonesa no bairro. Também se propõe a ampliar os debates e atividades culturais que já se desenrolam na Capela, dinamizar o espaço, envolver a comunidade e proporcionar um entendimento mais profundo da múltipla história da região.

Conclusões:

O domínio de marcos asiáticos e, sobretudo, japoneses no bairro paulistano da Liberdade, remonta à criação do bairro turístico na década de 1970, o que desencadeou apagamentos dos locais relacionados à memória afropaulistana, mediante mudança de nomes de logradouros públicos, tentativas de controle de determinadas instituições, associações socioculturais e práticas culturais. Contudo, memória afropaulistana tem ganhado visibilidade, com a repetição dos roteiros afroturísticos que exploram marcos referenciais da população negra nesse território, instalação da escultura em homenagem à Madrinha Eunice (2022), criação do projeto do Memorial dos Aflitos (2023) e mudança do nome da Praça para Liberdade-África-Japão (2023).

Referências:

BARONE, A. C. C. Liberdade e Punição: O que se reivindica na disputa pela identidade racial no bairro da Liberdade? **Cadernos PROARQ**, n. 36, p. 74 – 92

BASTOS, S. Resignificação de expressões culturais de etnicidade para a constituição de um destino de lazer e de turismo na cidade de São Paulo. **Caderno Virtual de Turismo (UFRJ)**. v.20, p.1 - 12, 2020.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

HUYSSSEN, A. Resistencia a la memoria: los usos y abusos del olvido público. **Intercom**, (2000), 1–16,2004. <https://doi.org/10.4067/S0718-221X2004000100005>

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, p. 7-28, 1993.

SEVCENKO, N. A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. **Revista USP**, São Paulo, n. 63, p. 16-35, set/nov 2004.

Fomento: Outro.